

The

Unicorn

Do

Unicorn!





Para Quincy Brinker, que, ao interromper mais uma conversa acadêmica de fracassados que tentavam tirar Marsha e Sylvia de Stonewall, nos lembrou que nem os mortos estão seguros quando nossos inimigos são vitoriosos.

Para Feral Pines, vista por amigos jogando pedras na polícia e por outras pessoas em uma assembleia tramando uma guerra psíquica contra fascistas. Depois, foi vista dançando. Nos momentos finais de vida, foi vista desfigurando símbolos fascistas.

Para Chris Chitty, que certamente usaria esta oportunidade para xingar os xingões e ao mesmo tempo transmitir reflexões brilhantes sobre onde estávamos e para onde vamos.

Para Ravin Myking, cuja beleza fez hum pastor de uma megaigreja homofóbica espumar de raiva e clamar a chegada dos lobos para caçar as ovelhas, e fez com que suas ovelhas caíssem no chão falando em línguas e orando por hum deus ausente.

Para Scout e a memória em chamas.

Para Vlad, *ai ferri corti!*

Para todo o bonde desse outro lado, apresentamos nossas reflexões.



#anarcoqueer #insurreição #ocultismo #cuir

**BE GAY DO CRIME!**  
**THE MARY NARDINI GANG**

Tradução de *Be Gay Do Crime!*

Contagion Press, 2018.

10/2022



**HA DEZ ANOS** fomos tomades por hum espírito frenético e, em transe, recebemos hum pacote de dez armas para lutar uma guerra na qual estávamos apenas aprendendo a descrever. Éramos a conspiração da juventude fugitiva, mal-intencionada, “crias criminosas” como Genet dizia. Viemos de hum nada com nada, com nada além de nós mesmos.

Nós experimentamos toda a ordem social como inimiga da liberdade, do desejo e das nossas relações mais íntimas. Mas havia a suspeita de que não estávamos sós em nosso ódio visceral por todo o mundo. Então, codificamos essas coisas, nossas visões de abundância e alteridade, e imprimimos em hum pequeno zine, o qual mandamos para os cafundós da Terra. Nós o seguimos por uma década, atravessando os limites da linguagem e da militância para encontrar os camaradas (em certo sentido, alienáveis dos significados homoeróticos que originou essa palavra, como argumentou Chris Chitty) que receberam a seguinte mensagem:

**INSUBMISSÃO TRANSVIADA.**

Durante esse tempo, fugimos em trens com documentos falsos, em voos furecas, pegando carona com os estranhos que foram se oferecendo de hum pico atrás de outro. Encontramo-nos em acampamentos no mato, comunas nos centros das cidades, em bloqueios contra a tempestade batizada progresso e na folia dentro das conchas escavadas da desindustrialização. Lutamos contra os inimigos pequenos e maiores pelas ruas, ruelas e becos.

Estávamos lá quando cidades foram incendiadas, edifícios ocupados, mercadinhos saqueados, portos bloqueados, projetos-de-espandores humilhados, nazistas agredidos. Nós entregamos hum caixão vazio na porta de hum alibã assassino, jogamos fogo na casa de hum zé-ninguém que matou uma mulher trans, e fomos longe pelas janelas dos bancos em nome de preses por recusarem hum destino semelhante. Nós investigamos os motins transviados mais selvagens de uma geração fora das portas da cúpula-elitista-global, e novamente quando algume apologista do fascismo emergia como uma “bixa perigosa” nos corredores sagrados do intelectualismo.

Encontrávamos em grupos de estudos e reuniões, esperando os homens terminarem suas falas para, aí, falarmos apenas para sermos mal-interpretadas. Seres incompreendidos, exceto pelo nosso bonde, aquelas amizades quais compartilhávamos sprays de pimenta e armas, porque queríamos vê-las vivas. As amizades quais fazíamos todo o rolê para pagar as fianças, porque as queríamos livres. Roubamos mercadinhos, porque queríamos vê-las alimentadas. Enganamos universidades para trazê-las de volta às nossas cidades. Vendemos nossos tempos em instituições estratégicas para que assim pudéssemos dar tudo a elas.

Ficamos muito bons em demonstrar formas específicas de cuidado (tão bons que construimos os melhores encontros). Esperamos, com cigarros e cobertores, fora das cadeias porque odiamos a ideia delus ficarem lá sozinhas. Preparados para a investida e ataque nas noites que passaríamos com nossas amantes. Livros dedicados entre si e aos nossos entes queridos que já se foram, porque essas palavras significam nada fora do poder que esses relacionamentos nos dão. Fizemos juramentos para manter os nossos segredos, para mantermo-nos vivos — para nos agarrarmos intensamente àquela genialidade que compartilhamos nos momentos que nunca poderíamos revelar, secretos assim como os nossos próprios nomes. Falávamos por cartas escritas à mão no meio dos



prédio, entregues de mão em mão nas viagens até chegar em seu destino, ou então ficarem perdidas na mão de alguma tia-cleusa.

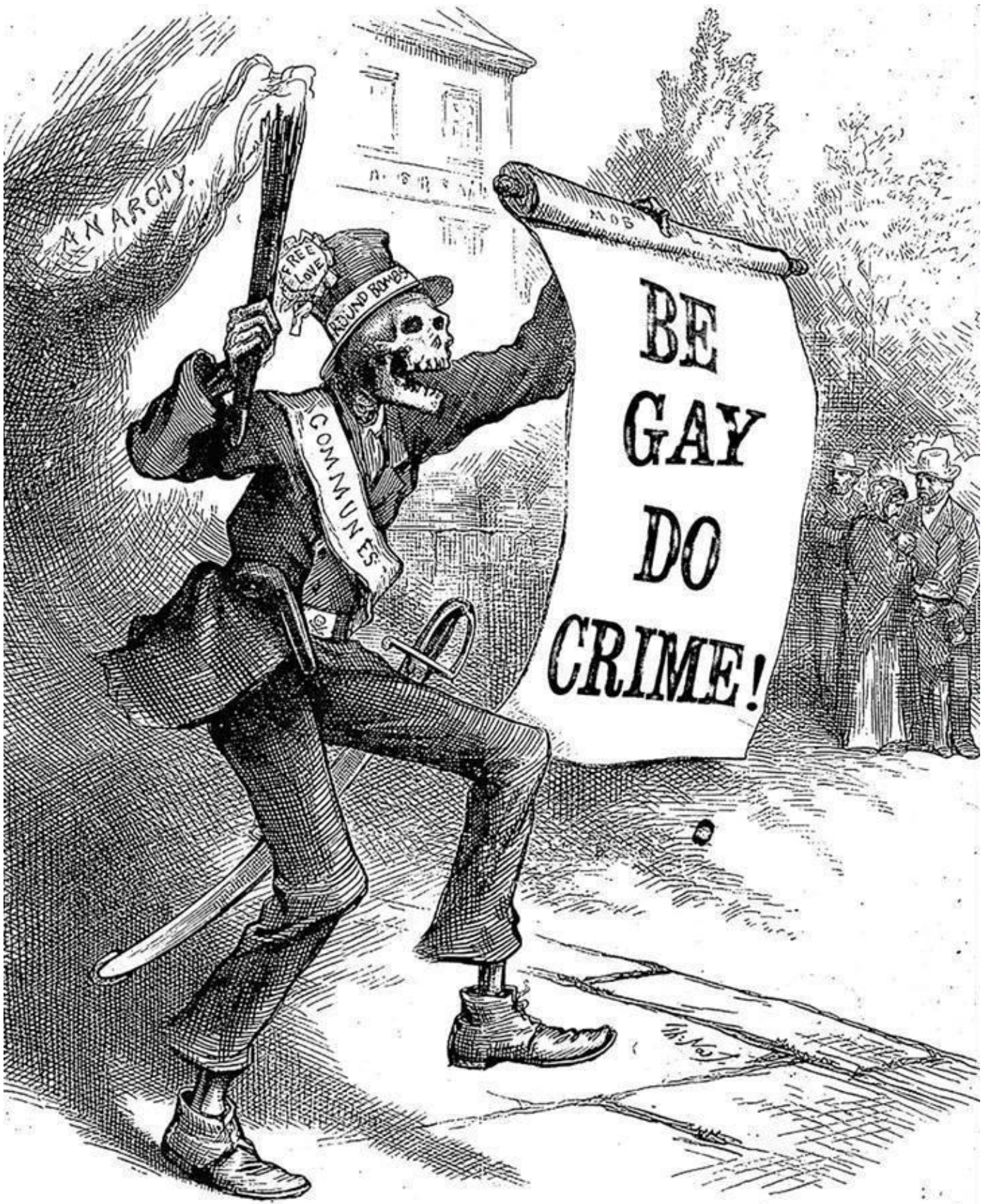
Na longa tradição da criminalidade transviada, expropriamos literalmente tudo o que podíamos. Escrevemos a nossa exegese em manifestos e jornais, arquivos secretos e distros de prisões, páginas fraudulentas que atingiram milhares. Enchemos pacotes com coisas chiques roubadas e enviamos para nossas amigas distantes junto com cartinhas de amor. Escolhemos nosso próprio bonde como merecedores dessas mil-e-uma coisas. Nós nos quebramos aprendendo mil técnicas de cura para nossos corpos e espíritos quebrados.

Dominamos a arte da deriva, vagando por instinto sozinhas pela rua escura da metrópole, em busca daquele sentimento inominável. Nós experimentamos cada permuta das drogas e hormônios para se encontrar na alquimia que nos abre ao mundo. Desenvolvemos vícios nos pontos altos entre revoltas e rebeliões. Depois, ajudamo-nos mutuamente a achar novos caminhos. Experimentamos cruelmente modelos para uma nova relação, mas continuamos mesmo em nosso pior, pois aprendemos do jeito mais difícil que o descarte nunca é uma opção. Por fim, a carne dolorida e os reinos da flora revelaram suas línguas secretas. Aprendemos a língua do amor: a alegria incomparável de presentes e declarações silenciosas, de eternidades dos tempos-agora gastos em afeto e afinidade.

## TEMPO-AGORA:

um conceito de difícil conquista, que aprendemos por meio das nossas perdas sequenciais. Nós nos machucamos e tivemos que aprender a juntar os pedaços das relações despedaçadas. Fomos traídas também, mas não gostamos de derramar muita tinta para vendidas e X9s. Nós fugimos para voltar humildes. Nossas amigas e amores foram tirados de nós, trancados em gaiolas, *suicidados* por policiais, queimados vivos nas festas que ficavam à margem da gentrificação urbana. Sabemos que nosso tempo com outrem é passageiro, por isso lutamos por cada segundo de interdependência e cumplicidade.

Nessa primavera, junto com as flores, uma imagem floresceu em pequenos botões por toda a world wide web. um esqueleto, vestido de pirata, carregando uma tocha escrita



"Many blame queers for the decline of this society—we take pride in this. Some believe that we intend to sired-to-bits this civilization and it's moral fabric—they couldn't be more accurate. We're often described as depraved, decadent and revolting—but oh, they ain't seen nothing yet."

“anarquia”, com a palavra “comunas” no peito, com “bombas redondas” em torno do chapéu e “amor livre” pregado com hum alfinete. Por fim, uma espada pendurada no cinto que segura hum pergaminho que se lê:

“BE GAY, DO CRIME!”

## O ESQUELETO ESTÁ FRENÉTICO.

No rodapé dessa imagem se lia:

Muitos culpam transviades pelo declínio da sociedade — temos orgulho disso. Alguns acreditam que pretendemos despedaçar essa civilização e todo seu tecido moral — eles não poderiam estar mais certos. Muitas vezes descritos como pessoas depravadas, decadentes e revoltadas — mas ah, eles ainda não viram nada.

É nesse rodapé que encontramos palavras que soam próximas. Após hum pequeno deslize no tempo, nos lembramos do sentimento que levaram sua escrita. Lembramos também dos sentimentos que as palavras em si ecoam em nós. Elas foram inicialmente criadas como hum comunicado de uma associação transviada criminosa em hum zine dos anarquistas de Milwaukee, o Total Destroy.

Nossas gangues participaram do Bash Back! e essa publicação foi feita como expressão de hum milieu em Riverwest — hum bairro anarquista discreto (às vezes) que existe desde o final da Segunda Guerra Mundial. Depois da guerra, a nascente contracultura boêmia anarquista que vinha se desenvolvendo naqueles campos de resistência à guerra se fragmentou em uma diáspora que levou essa gente recém-liberta mística — seres que escrevem, que se endoicem nas artes e também alguns cristão — para Nova Iorque e São Francisco. Uma parte desse povo ficou em Riverwest, juntando-se à linhagem de anarquistas galeanistas que se enraizaram naquela cidade. O bairro permaneceu como hum espaço de luta constante, por vezes armado, contra as forças da ordem e da lei. Na sua vizinhança, pode ser encontrado certas encruzilhadas nas quais

uma variedade de lutas se intersecciona: lutas transviadas; lutas antirracistas; lutas contra a polícia; e pela liberação da comida se juntando num escarcéu da contracultura.

Correntes anarquistas distintas viviam em conjunto naquele bairro de maneira consistente, debatendo suas teorias e práticas. Rebeldes, transviades, eco-extremistas e os race-traitors se reuniam sob o mesmo teto, em hum mesmo espaço anarquista, na mesma época em que nossa gangue publicava os zines e manifestos. Esse espaço em particular, o Cream City Collectives, era hum de muitos outros que existiam na função há décadas.

Era nesse lugar onde nos reunimos, após alguns meses da publicação de “Toward the Queerest Insurrection”, quando anunciantes de hum futuro falaram através do fogaréu vindo de além dos mares. A insurreição explodiu. Não em Milwaukee, mas na Grécia. A civilização morreu dentro dos limites das mitificadas cidades-estados, epicentro de seu nascimento. A polícia executou hum jovem anarquista:

## ALEXIS GRIGOROPOULOS,



em hum velho bairro anárquico nomeado Exarcheia (ex- de fora de; -archeia de governo). Exarcheia é hum lugar onde a anarquia, a Bela Ideia, nunca ficou quieta, então os canas decidiram matar a juventude — algo tão rotineiro nos Estados Unidos — na encruzilhada onde se encontra o santuário do herói Alexis.

O MUNDO INTEIRO PEGOU FOGO. A INSURREIÇÃO HAVIA CHEGADO.

E por dezessete noites o fogo queimou, se espalhou em brasas nos mais distantes cantos do mundo, e estes cantos encontraram lugares onde a chama poderia continuar queimando. Aquela chama pegou nosso bairro sombrio entre-rios e tudo mudou para nós.

Esses dezessete dias escancarou uma porta estreita, como aquela que Walter Benjamin dizia que existia em todo momento. Essa porta se abriu na teia milicelial bizarra e internacionalista costurada por anarquistas por todo o globo. E por toda uma galáxia anarquista, o messias havia chegado.

Nós prestamos seu testemunho.

Nós vimos os rios correrem ao contrário.

Nós presenciamos o Evento, a Abertura.

Os fogos luminosos na Grécia se espalharam pelo planeta,

nas metrópoles

e subúrbios

e ocupações,

por todo o mundo expandindo e evoluindo em uma polivalência não-linear,

uma fronteira entre o velho mundo em decadência e hum novo,

emergindo.

Para muitas pessoas, a compreensão chegou pelo desastre ou pela urgência, respondendo hum desastre diário e oculto da polícia. Nos Estados Unidos, a ideia se espalhou através das infraestruturas dos variados nódulos criados por anarquistas insurrecionalistas da década anterior. O primeiro encontro real com esse incêndio, nesse continente, ocorreu no começo de 2009, quando uma cidade de Oakland pegou fogo em resposta do assassinato de Oscar Grant por hum policial.



E pelas ações solidárias, pelas histórias contadas por viajantes, anarquistas que estiveram presentes na abertura da porta-estreita da Costa Oeste dessa maldita nação espalharam que a insurreição havia chegado, que todos deveriam *agir conforme tal*.

O Bash Back! foi uma das várias correntes que levaram essa mensagem à sério, com o coração. No contexto de rede em sua práxis emergente, surgiu uma proposta que gritava por uma nova forma de se viver:

# PRIMINOSA, TRANSVIADA & ANARQUISTA

Em suma, devoção ao mundo que se emergia: indiferença à morte da ordem social, e guerra contra aqueles que defenderem sua memória ou tentarem reanimar seu cadáver. Percebemos que tempo e identidade são ficções, que estamos ligados à ancestrais e só podemos nos curar das violências nos conectando com os traumas de outras gerações. Percebemos que o momento sempre foi frutífero e imanente, só precisávamos mudar nossas perspectivas para acessá-lo. A anarquia sempre existiu sob as pavimentações de pedra. E nós a vimos, e mudamos para sempre, e agora temos que viver de acordo, não no tempo que resta, mas no tempo além, o tempo depois. O texto sem autor chamado “Desert”, que circulava entre eco-anarquistas, propõe que o mundo não terminaria em hum único movimento de revolução ou colapso, mas morreria como uma colcha de retalhos, e desse húmus surgiriam novos mundos plurais e diversos.

No embate contra a extrema direita, nós encontramos hum desses mundos. Diane di Prima disse sobre isso em uma de suas cartas revolucionárias:

E me parece que a luta deve ser travada em vários e diferentes números:  
eles têm computadores para lançar I Ching para si mesmos  
mas nós temos os hastes de mil-folhas  
e as estrelas  
é uma batalha de energias, de campos de força, o que os jornais chamam de  
batalha de ideias.

Desde o momento que a rede Bash Back! deslumbrou o choque do novo mundo quebrando a existência em seu surgimento, nós experimentamos formas-de-vida nesse novo mundo o qual estamos ligados em algum ato divino de cocriação. Nós, e as palavras, fomos aos confins do mundo anunciando, como o esqueleto frenético, a nossa magia:



BE  
GAY  
DO  
PRIME

Esse nascimento de formas-de-vida e luta nesse novo mundo apareceu de maneira diferente para cada hum de nós. Sofremos perdas inimagináveis e aprendemos mil-e-uma maneiras de nos curar. Estudamos para nos tornarmos especialistas dessas variadas modalidades. Construimos redes de apoio para nos cuidar entre traições, repressões e mortes de nossas amizades. Aprendemos a nos curar das feridas entre nós e cobrir aluguéis entre a gente. Muitos de nós trabalhamos com os espíritos e os ancestrais.

Algumas pessoas começaram a publicar. Outras se mudaram para a selva e estão aprendendo seus mistérios. Temos as pessoas fanáticas do abolicionismos. Temos as pessoas pesquisadoras antifascistas que comprometeram as próprias vidas para documentar o movimento de nosso inimigo ancestral. Aprendemos a lutar, atacar, manter espaço para depois. Assistimos a todos os levantes da última década e compartilhamos conhecimento entre eles. Aquelus entre nós que continuaram no caminho do trabalho do sexo, estão lutando agora contra as novas técnicas repressivas e cibernéticas do Estado. Algumas pessoas do bonde estão completamente clandestinas. Outras aprenderam os

caminhos sagrados para mudar o próprio corpo. Enquanto conversamos, algumas pessoas estão estudando as estrelas para encontrar o próprio caminho. Outras, mensageiras, ainda estão vagando. Outras fincaram-se e agora estão criando relações animísticas com os lugares (sim, mesmo nas cidades). Algumas pessoas entre nós são praticantes do sadomasoquismo, da performance transviada, do afro-futurismo, da magia do caos, da “saúde coletiva”, da fitoterapia, das tradições diaspóricas, da trocas de cartas com prisioneiros, da poesia.

Essa panóplia pode ser enxergada como hum conjunto de diálogos táticos, mas essa visão deve ser invertida. Não são métodos para fazer surgir hum novo mundo, são formas de viver que assumem sua imanente presença. Damos continuidade à proposta publicada há dez anos em “Criminal Intimacy”, de que nossas relações são a nossa força e que essas relações são forjadas nos momentos em que nos encontramos quando as portas-estreitas se abrem. A estratégia não precede o momento, mas surge em seu ultimato. A insurreição é o messias, e ele já está aqui. A questão se transforma em como proceder, e não preceder. Não por outra que anarquistas se voltam ao misticismo (Fredy Perlman, Ursula Le Guin ou Diane di Prima). E que esses, em algum momento, venham a estudar o Tao — o caminho.

Continuamos, apesar do fim do mundo, buscando a alegria em todos os lugares que podemos. Nossos comunicados chegavam às ruínas estabelecidas e nós dançamos entre elas. Festas com orgia, dança e leitura — a festa surgiu como hum epicentro daquele momento frenético. Nossas investigações posteriores sobre a natureza sagrada da festa — nos bacanais e luareis — revelaram a relação intrínseca entre a festa e as artes de construir mundos. Em nossas festas, nós nos abrimos para a conexão de hum a outrem, para outros reinos e outros gestos.

A realização da dimensão insurrecional da festa mostrou-se perigosa precisamente pelo seu potencial de ser retificado como hum partido da insurreição [party compartilha o significado de festa e também de partido]. Por meio da articulação de hum livrinho azul, aqueles que se deleitavam nas chamas que nos acompanhava se fixaram na proposta do ressurgimento do partidatismo, a própria estrutura de síntese que havia dominado a imagética revolucionária de gerações inteiras perdidas. Onde entendíamos o partido-festa enquanto espiritual, eles desejavam hum partido-festa enquanto político. Onde buscamos formas de conexão, eles se submeteram a nada além de segregação. O partido proposto



por eles deveria ser invisível e, assim, evitaria os fracassos que os partidos políticos tiveram no século passado. Ainda não estamos convencidos. Já experimentamos a morte do partidarismo e já lidamos com suas consequências autoritárias de culto. Quando a dimensão formal da rede Bash Back! se esgotou, analisamos rapidamente o momento para partirmos além. Como se diz no trecho de “Criminal Intimacy”:

Ao descrever participantes da Bash Back! como uma forma-de-vida, estou fazendo um esforço pra descartar uma série de conceitos e modos de pensar que seriam totalmente inúteis pra avançarmos. Particularmente, quero que as noções de política e ativismo de identidade sejam totalmente abandonadas. Bash Back! não deve ser entendida como uma sequência de esforços ativistas, nem como articulação de uma política de identidade militante (foi um fracasso, à medida que pode ser identificada dessa forma). Bash Back! nunca foi sobre questões queer ou política queer. Pelo contrário, o projeto tomou como ponto de partida a vida de participantes. Em vez dos temas de vitimização e de caridade regurgitados ad nauseum nos círculos ativistas, a tendência Bash Back! assumiu como princípio a própria vida queer. Quem estava dentro da tendência organizava um espaço dentro do qual poderiam viver de forma genuína, assim como uma rede pra defender esse espaço. Eu vivenciei a Bash Back! como uma amálgama de desejos, disposições, atos, processos, gestos e cumplicidades. Bash Back! está tão envolvida em atos criminosos quanto na prática sexual, tanto na estratégia quanto no estilo. O processo Bash Back! e o surgimento de sua correspondente forma-de-vida exige ser lido menos no sentido de quê ou quem, mas, em vez disso, no sentido de como. Este como, é o como de organização, mas também de sobrevivência, de violência, de amor, da vida em si. E assim, quaisquer que sejam as limitações do que Bash Back! foi, é o como que demonstra verdadeiramente o potencial insurrecional que eu celebro [tradução da edição em português].

Tomamos nossas próprias vidas como projeto. Qualquer que seja a retórica que se empregue, nenhum partido pode dizer o mesmo. A própria função do partido é se expandir, sugando como vampiros a energia vital de todos que estão nele. Tomamos a morte da organização como ponto de partida e já experimentamos outras formas e

maneiras. Infelizmente, os nossos camaradas heterossexuais pararam de prestar atenção nesse processo de raciocínio e clareza.

Aprendemos muito nessa última década, a maioria das coisas que fizemos podem ser resumidas ao simples fato de que não sabíamos o que estávamos fazendo. Nós nos encontramos agora nessa posição de falar através do tempo, oportunidade de reeditar essas palavras nas quais algumas pessoas possam ler pela primeira vez, temos a responsabilidade de esclarecer que essas palavras iniciais não são políticas, mas **mágicas**.

Aquelas pessoas mais estudadas na magia poderão te dizer algo semelhante aos seres rebeldes de toda a vida: o segredo está em seu início. No meio das questões inerentes da magia do caos e as reflexões compartilhadas entre anarquistas insurrecionalistas, se revela uma série de técnicas em comum:

- φ caminhos para escolher hum conto e torná-lo real através da manifestação de energias;
- φ a invocação de mortos;
- φ o trabalho ancestral de transviades;
- φ a necromancia das visitas do túmulo de Emma Goldman;
- φ a reprodução de textos apócrifos;
- φ a conjuração por meio da linguagem mágica;
- φ a necessidade dos abundantes sacrifícios;
- φ as fogueiras de purificação;
- φ os encontros na lua cheia e os ataques realizados sob suas trevas;
- φ os ritos de luto e vingança;
- φ a ascensão do inferno nos púlpitos de falsos sacerdotes;
- φ as interpretações dos sonhos e presságios;
- φ os nomes secretos dos nossos amores e seus sigilos criptografados rabiscados nas paredes das cidades;
- φ os estados se visões no gozo e o contato espiritual na dança;
- φ a descentralização do eu e a abertura a outrem;
- φ os pactos feitos nas encruzilhadas que são chaves para a litania transcendental;
- φ uma gramática da construção de mundos por meio da ação ritualística.

Construção de mundos, pois realmente vemos efeitos nessa rede de poder — experimentalmente e reciprocamente — por meio do nosso engajamento. É claro, o mundo realmente acabou para nós em dezembro de 2012, quando perdemos Ravin. Enquanto o mundo olhava atentamente os relógios para ver se as máquinas iriam trair a si mesmas, nós escrevemos “Sem Futuro” como epitáfio para o mundo que estávamos deixando, não como hum esforço de apagar preventivamente nossa luz, mas sim para iluminar outro mundo que já estava florescendo, bem debaixo da pele.

Precisávamos de uma série de habilidades para nos conectar com nossas amizades que morreram, e elas, por sua vez, apontavam para uma visão de mundo animista, para hum mundo espiritualizado. Vivemos, agora, em hum mundo assombrado por hum leviatã genocida, onde a terra cheia de ossos grita por vingança contra essas cidades cheias das pessoas mortas que as construíram, onde qualquer espetáculo de inclusão é destruído pelo mau-olhado daqueles que são excluídos, onde qualquer espaço é retomado para o encantamento e reciprocidade na cocriação destes espíritos.

Quando nos deparamos às transmutações que a galáxia anarquista passou nos tempos dos sonhos da última década, é claramente alguma coisa diferente da heteronormatividade, o vazio, vácuo tedioso no qual lançamos esses encantamentos pela primeira vez.

Correntes transviadas fortes, diversas e dinâmicas percorrem nosso espaço, desenhando constelações inimagináveis de ideias e vida. Tudo de melhor e pior daquilo que escrevemos, todas as nossas iluminações e omissões, se tornam realidade. Os conflitos mais miseráveis e mesquinhos em nosso pequeno mundo foram elevados globalmente, atingindo o Cosmos. As fechaduras que abrimos revelaram portas que mal podíamos imaginar nos corações fortes seja onde se repousem. Se ao menos tivéssemos já internalizadas a resistência de Diane di Prima que dizia

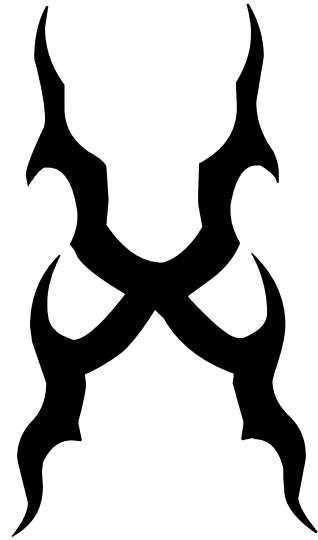


VOCÊ PODE TER TUDO AQUILO QUE PEDIR, ENTÃO PEÇA TUDO!

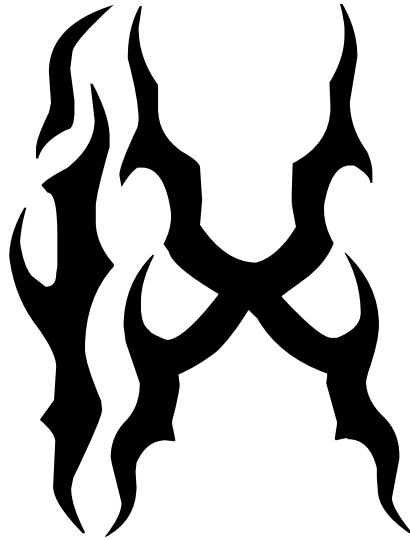
Porque essas são palavras mágicas e porque os cúmplices as ouvem e respondem mesmo além do véu da morte, não podemos nos dar ao luxo de uma má comunicação. Vamos levantar um espelho para as nossas dez armas e abastecê-las com advertências importantes. Essas dez, unidas, formam uma espécie de arcanos menores:

- I. A TRANSVIADAGEM EM SEU SIGNIFICADO NEGATIVO.
- II. A NORMALIDADE.
- III. A GUERRA SOCIAL.
- IV. A TRANSVIADAGEM COMO CONFRONTO.
- V. O OUTRO, O EXCLUÍDO.
- VI. A REPRESSÃO E AS RELAÇÕES DE FORÇA.
- VII. O ATAQUE!
- VIII. A ANCESTRALIDADE REVOLTADA SOB A TERRA.
- IX. O ESPAÇO, O TERRENO E A ABUNDÂNCIA.
- X. A NEGAÇÃO, A AUTODESCRIÇÃO COMO ANARQUISTA.

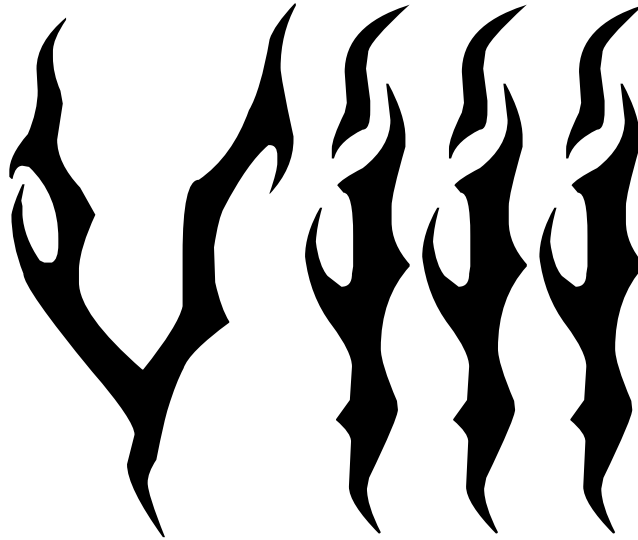
Na continuidade desse tarô, apresentamos de maneira reversa:



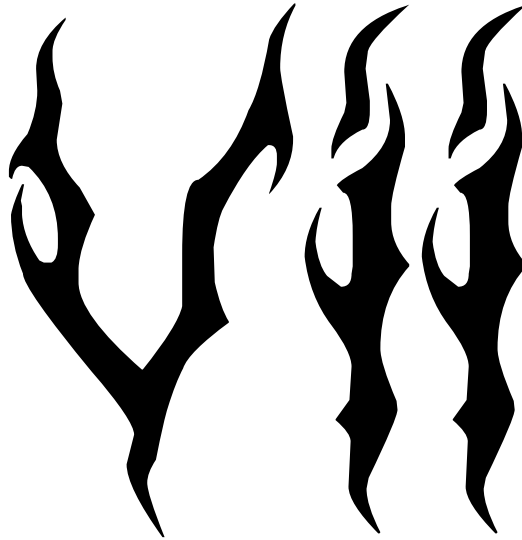
Segure-se naquele momento que você se definiu como anarquista pela primeira vez. Seja lá qual for sua história, certamente foi uma negação, uma recusa, uma preferência de não fazer, de não produzir, dizendo “não”. Talvez não perceba, mas esta é a primeira vez na vida que estabeleceu uma barreira contra um mundo que tentava minar sua capacidade de produção. Encontre aquele momento, aquele afeto, e segure-o firme. O que quer que possa ser tirado de você, isso não será. Eles não podem. Vamos dispensar a conversa chata sobre individualismo e coletivismo. Precisamos um de outrem e, ainda assim, cada um de nós precisa voltar a esse afeto íntimo individual. Nos momentos difíceis, quando nos sentirmos sozinhos contra o mundo, sempre teremos essa negação inicial. Se cuidarmos daquela pequena chama, sempre poderemos iluminar o nosso caminho, de volta à nós mesmas, se necessário. A tensão anarquista se adapta a qualquer coisa que há de vir a seguir.



Nós recebemos e faremos o melhor possível para repassar esse mistério: a criminalidade transviada. Uma corrente ancestral, hum nós, herdada de uma longa e diversa linhagem de seres desordeiros, ladrões, escritores, traficantes, bruxos, ranter, malucos e artistas. Como descendentes de qualquer linha ancestral, somos moradores atuais encarnades dessa casa espiritual. Nada começou conosco: somos simplesmente portadores atuais daquele suspiro fraco messiânico, com o potencial de torná-lo inteiro novamente, para redimir todos aqueles que morreram entre nós por intermédio do Céu e da Terra. Em tudo que fazemos, estamos em sintonia com esses espíritos. Vamos aprender, portanto, a fazer isso da melhor maneira. Quando tentamos ocupar algum espaço — ou, na realidade, segurá-lo contra as ondas aniquiladoras do progresso — é justamente por causa dessas relações recíprocas entre nós e todos os nossos fantasmas. Estamos lutando pela sobrevivência de hum estilo de vida: criminoso, transviado, anárquico, místico, diferente. Cada hum desses predicados é uma fonte de força, uma linhagem, uma coleção de técnicas de sobrevivência das pessoas que esse mundo tentou destruir. É por isso que buscamos excelência e abundância em tudo que fazemos. Sempre foi sobre estilos de vida transviados. Cuidado com aqueles que falam de outras vidas, mas não pelos cadáveres em sua boca, ou os ossos gritando sobre os quais usam para caminhar.

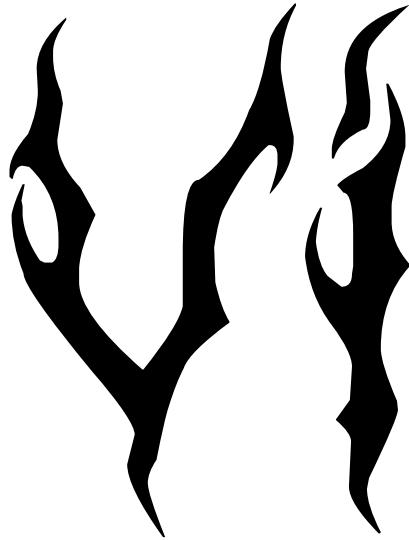


A crítica à assimilação ainda é entendida apenas pela metade. A linha dominante nos cantos transviados radicais do mundo ativista profissional e das escolas-de-publicação vive dentro de hum Leviatã — eles se usam o suficiente para atingir as posições políticas exatas, contanto que falem na linguagem certa, a vida ética (que aqui significamos como felicidade). O impulso de criticar a assimilação, em sua primeira instância, recusa sua aquiescência. Desconfie de todos e qualquer hum que lembre muito rapidamente que todos nós fazemos sacrifícios no capitalismo. Isso é verdade, claro, mas lembre-se de que sacrificar é tornar algo sagrado, é entregar aos espíritos. Este mundo nos condiciona a perder coisas facilmente, porque está sempre nos roubando-as, levando-as embora. Decidimos retomar o poder sobre o que perdemos. Você reconhecerá seus amigos de verdade pela maneira que eles respondem quando perguntados os porquês, os quês e os por quem eles perderam o que perderam. Há uma diferença sutil entre os carreiristas-conquistadores e aqueles que não têm nada a perder a não ser uns aos outros. Estes, por extensão, têm hum mundo inteiro a ganhar: se reconhecem e agem de acordo. É uma questão de prioridade: prefere-se este mundo morto, ou aquele que estamos cultivando?



Ataque! Pois é o que sempre foi disponível a fazer e porque é o real marcador de fronteiras das nossas heterotopias propulsoras — os nossos mundos plurais. A criação de mundos nos dá a capacidade de mover nossa negação, nossa preferência-em-não-fazer, para hum gesto marginal, uma preferência diferente, uma preferência outra se não aquela que nos empurram, transcendental. A questão da opacidade (o armário, a passabilidade) é capenga para nós. Transviades mais antigues navegaram nesse mesmo mar com várias estratégias e nos cabe olhá-las criticamente. É tudo drag: uma máscara em nosso mundo emergente. A máscara esconde a realidade e faz o ataque possível. A realidade é sempre uma brincadeira com a normalidade. Aqueles que não perceberam isso são perigosos. hum ataque de qualquer intensidade é uma porta pela qual a realidade adentra, junto com seu mundo. É hum mundo animista — leve isso em consideração quando escolher hum alvo. Todo o Cosmos está vivo e observando, isso que importa. Se nos acompanhou até aqui dentro desses corredores do labirinto, pode sempre chamar a presença da energia até nos menores ataques. Deixe a possibilidade ser o fio condutor de Ariadne enquanto avançamos. Deixe a ritualística sinalizar os conspiradores, encarnados ou não.





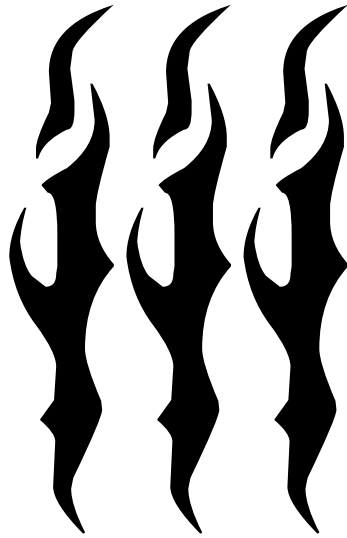
A repressão é a tentativa do mundo decadente de sufocar os novos mundos em sua ascendência. Nós resistimos à todas as formas dessa tentativa. O holocausto, a crise da AIDS: elas destruíram dois momentos no século passado, quando nosso mundo superou seu próprio conforto por eles. Em ambos os casos, os revolucionários e os marginalizados morreram primeiro. Gerações inteiras de nossos anciãos foram roubados de nós. Lembre-se disso quando esquecer quem é. O Estado tem seus meios discretos à disposição. A criminalização dos parques públicos anda de mãos dadas com a proliferação dos aplicativos de cruzada cibernética. As campanhas de caridade benevolentes de “reformadores do tráfico” mantêm as trabalhadoras do sexo na rua. Os ricos pagarão seus *preps* enquanto pessoas com AIDS continuarão a morrer nas sarjetas. O compartilhamento de imagens de corpos em particular, através das redes sociais, nos droga com sua luz azulada e nos distrai da execução destes mesmos corpos. Só chegamos aqui lutando contra a repressão em todas as suas formas. Aprenda com aqueles que lutaram antes de você. Fique atento aos mundos que estão lutando em sua volta e suas maneiras diferentes para qual. Precisaremos de todas as variadas técnicas contra o nosso inimigo comum. Precisaremos também de técnicas de cura. Nós herdamos os traumas das tentativas falhas do passado, mas podemos escolher nos curar desses traumas ao invés de passar a merda adiante.



O cerne do nosso mundo é a diferença, portanto cada hum de nós navegamos liminarmente por outros mundos. Ficamos no meio, sempre hum pouco a mais, demais para qualquer mundo, exceto para aquele que estamos construindo entre nós. Preste atenção nos lugares em que você se sente diferente e naqueles que você se sente em casa. Isso é determinista: traumas ancestrais podem ser superados, mas apenas pelas pessoas comprometidas a tal. É uma questão de hospitalidade, da comunicação de hum mundo ao outro de seus portões. Nunca separe qualquer conceito de reconciliação — por exemplo, tikkun olam — de sua origem espiritual na visão de hum mundo vivo, de hum materialismo encantado. Recuse e resista ao impulso da homogeneidade. Circule por todos os mundos que assim nos quiserem. Liberte outres.



Reconhecer a transviagem como um confronto significa lidar com o resíduo de um mundo morto que está dentro de nós — o trauma de nossos corpos, a possessão por egrégoras, o desmaio em nossas línguas. Seja humilde: saiba que você está tratando feridas infeccionadas por incontáveis gerações. Seja gentil consigo mesmo e com outrem, mas lembre-se: aqueles que curam geralmente são aqueles que estão com a mão suja de sangue.



Guerra social, entendida como o movimento de ampliação dessa ou aquela concepção limitada de luta, gestos de boas-vindas a outrem, inclui histórias de resiliência e subversão que desorganizam qualquer tendência de fetiche científico (se lê: sistematizado) por parte dos milica.



Nós fazemos tudo isso porque lembramos que a Normalidade por si é nossa inimiga. Evite quem lê a contracapa dos livros do Foucault enquanto, ao mesmo tempo, exibem alegremente seus impulsos à Normalidade. Em qualquer espaço insurrecional, se afeiçoe aos malucos, às aberrações. As pessoas devotas à Normalidade — em suas formas psíquicas, libidinosas, afetivas, disciplinares ou ideológicas — serão vermes fardados quando a insurreição morrer.



A transviadagem [o queer], nunca será uma categoria coerente em uma lista de identidades. A última década mostrou a ruína miserável de cada tentativa de fazê-la. Já dissemos que essas palavras são mágicas. Poderíamos acrescentar que somos wyrd — do inglês antigo, usado para descrever o destino e todas as outras causalidades invisíveis e não-lineares nas quais estamos inseridos, que originou a palavra moderna “weird”, estranho, bizarro. A insurreição mais ixtranha, o mais enredado do invisível, o mais relacionado com tudo que borbulha para além dos muros da Normalidade, quais ainda lutamos para nos desaprender. Encontre aqueles que ocupam o topo desse muro, hum pé em cada mundo. Compartilhe seus métodos, compartilhe seus aprendizados, compartilhe as histórias dos seus entes que se foram. Mortes que temos em comum nos transformam em família — alguma outra forma de parentesco que não a Normalidade e seu horror. Nós precisamos de si mesmos hoje mais que nunca. Queremos vencer dessa vez, vencer todo o tempo, e nossos mortos querem isso também.



Aqui. Agora. Nessa hora e nesse lugar. O espelho de nossa averiguação atual se reflete ao espelho que esse projeto sempre carregou consigo. Espelhos sobre espelhos; não somos estranhos aqui. Nossos inimigos sempre usaram o mito de Narciso contra os seres criminosos e transviados. Esses inquisidores e torturadores só podem fazer isso tirando desse mito a visão de um mundo encantado de onde ele se origina, na visão em que outros mundos existem, que há janelas entre eles e a comunicação verdadeira é possível. Nas notas de tradução do “The True Grimoire”, a bixa feiticeira Jake Stratton-Kent sugere que essa história seria uma criptografia primordial de perscruta— a técnica mágica na qual alguém usa um espelho para se comunicar com outros espíritos e acessar outros lugares. Narciso olhou por muito tempo o submundo e foi imortalizado como uma delicada flor com olhar tão fixado. É o sinal da imortalidade do mundo floral, o ciclo da vida e da morte, do infinito. Cada um é um pouco de outrem, cada um é uma versão diferente da história. Possuímos a liberdade para discernir, portanto escolha. As pessoas que conhecem a teoria do jogo dizem sobre um círculo mágico — o limite dentro qual jogadores concordam sobre seus objetivos e regras. Zero: o círculo mágico. Zero: o espaço das potências todas. Cuidado com o que você diz nesse espaço; tenha juízo de si. O que acontece aqui se estende a todos os níveis. Zero: vem do nada e retorna a tal. Zero: sempre o Louco, um estranho vindo do nada, indo a algum lugar. Quem você é? De onde você é e para onde está indo?

O esqueleto já esteve aqui antes, frenético. O meme desviou um pouco da propaganda da Califórnia de 1880, que difama as correntes transviadas e anarquistas presentes em suas praias. Elas permanecem presentes ao longo dos fios diaspóricos que

sempre floresceram o litoral sul. Ele é a Santa Muerte: a patrona dos seres criminosos e transviados, exilados do mundo. Ela usa outras vestes, mas insiste o lembrete constante de nossa própria imortalidade, e nos lembram daqueles que já perdemos. Se as correntes messiânicas dentro das nossas tradições mágicas ocidentais se revelem verdadeiras — e que o julgamento final é o retorno dos mortos — então quer dizer que os nossos mortos já estão entre nós, ancestrais voltaram e eles insistem que temos uma chance de fazer um mundo inteiro novamente. A tarefa continua em alinhar nossos caminhos em comum.